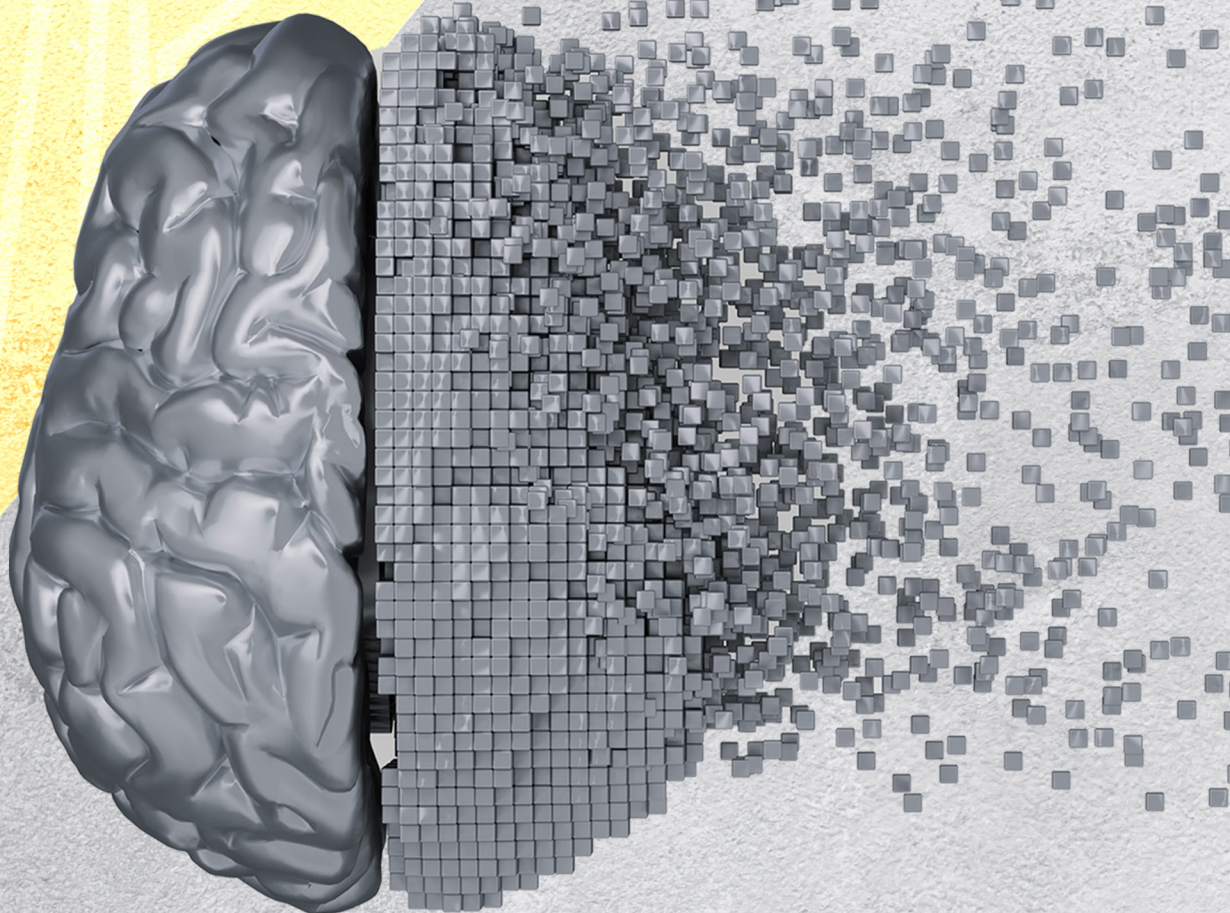


A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS 2

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)



Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-278-4

DOI 10.22533/at.ed.784192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado).

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis

que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades. ” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos

dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora

mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES**, a autora LIDIANE MARIAMACIEL buscaram analisar o processo social de mudança desencadeada pelas migrações “permanentemente temporárias” laborais, ocorridas entre o interior estado de São Paulo e interior do estado do Piauí. No artigo **FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015**, os autores Sonia Vanessa Langaro e Valter Martins buscam analisar as características e relações constituintes do Faxinal do Salto, localizado no município de Rebouças/PR. No artigo **FILOSOFIA AFRICANA E A LEI 10.639/2003**, os autores Danilo Rodrigues do Nascimento e Flávia Rodrigues Lima da Rocha buscaram propor uma nova maneira de pensar a origem e as articulações da filosofia, a fim de ampliar a discussão sobre sua procedência para além da Grécia, bem como discutir a aplicabilidade da Lei 10.639/2003. No artigo **GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR** os autores Andréia Oliveira Ferreira dos Santos e Rosiley Aparecida Teixeira buscam apresentar os resultados parciais de um estudo que surge mediante inquietações sobre uma gestão escolar burocrática e gerencial. No artigo **GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E**

TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia Sabrina Speckart Ribeiro, Camila Amanda Schmoegel Elias trata de um relato de experiência da atividade em grupo realizada no CSI. Neste âmbito foi idealizado por uma estagiária o grupo para orientação e tratamento da incontinência urinária que foi nomeado como Grupo Segura Firme. No artigo **IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS**, os autores Higor Vieira de Araújo e Higor Vieira de Araújo e Francisco Bento da Silva, buscam para dialogar com narrativas visuais (charges e fotos) que trazem como temática a expulsão (desterro) de homens e mulheres no princípio do século XX para o Acre.

INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA os autores Jonny Lucas de Oliveira e Joyce Jaqueline Caetanolzabel Passos Bonete buscou promover uma discussão sobre o tema, por meio da análise de depoimentos de professores de Matemática, coordenadores pedagógicos e alunos do ensino fundamental de duas turmas, consideradas as mais indisciplinadas, de duas escolas públicas estaduais do município de Irati-PR. A escolha das turmas foi por indicação da direção das escolas. No artigo **LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LIGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO**, os autores Jeovana Ceresa, Nathália Fritsch Camargo, Guilherme Costa da Silva, Tamara Lansini Tolotti, Thayze Maria Marques Torbes, Guilherme Briczinski de Souza, Christofer da Silva Christofoli, Juliane Pinto Lucero, David de Souza Mendes, Mariana Edinger Wieczorek, Eduardo Garcia buscaram estudar sobre o envelhecimento humano no cuidado multiprofissional. No artigo **MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA** as autoras Adriana Lessa Cardoso e Márcia Alves da Silva buscam analisar a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. No artigo **Normalidade e diferença: vivências de estudantes de uma escola pública**, as autoras Akeslayne Maria de Camargo, Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Emília Carvalho Leitão Biato, Barbara E. B. Cabral buscam discutir sobre a loucura como emblemática do que se considera desviante e inadequado, e busca articular essas concepções às vivências de estudantes em relação ao que tem sido avaliado como desviante e inadequado, atrapalhando o andamento da rotina escolar. No artigo **O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE**, os autores FLAVIO RIBEIRO DE OLIVEIRA, MARIELE RODRIGUES CORREA buscam analisar os discursos dos relatos produzidos pelas crianças em relação aos encontros com os idosos e os estudantes universitários a fim de compreender aspectos intergeracionais e o papel da coeducação. No artigo **O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS**

ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM, o autor Wilverson Rodrigo Silva de Melo busca analisar como ocorre o ensino de Estudos Amazônicos e, como é abordado o tema da Revolta-Revolução da Cabanagem nas salas de aula das Escolas Básicas de Santarém. No artigo **O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO**, os autores Carine Magalhães Zanchi de Mattos, Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti, Bruna Camargo, Guilherme Silva Costa, Patrícia Krieger Grossi analisam os agravos de saúde advindos do processo de envelhecimento nas ruas, como ocorrem e as repercussões destes no trabalho de pessoas com mais de sessenta anos de idade que vivem em situação de rua em Porto Alegre. No artigo **O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE** os autores Ariadne Mazieri de Moraes e Francisco Xavier Freire Rodrigues buscam analisar a compreensão da dinâmica dos homicídios motivados pelo narcotráfico na região metropolitana da capital Mato-grossense compõe o projeto “Homicídios Dolosos no Centro Oeste brasileiro. No artigo **O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ** os autores TABARRO. Cristiane e AHLERT. Alvorini analisam a importância do papel pedagógico na ATER - Assistência Técnica e Extensão Rural e de princípios da sustentabilidade para o fomento da produção de alimentos mais saudáveis. No artigo **O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL**, os autores Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo e Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro, analisam os discursos de pessoas em sofrimento psíquico sobre a loucura e seu processo de estigmatização. No artigo **OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS**, os organizadores Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral e Marcelo Amaro Manoel da Silva, buscou promover a capacitação de cuidadores familiares da área de abrangência de uma Unidade de Saúde do Município de Divinópolis. No artigo **OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS**, os autores Renata Gonçalves Pinheiro Correa, Anna Raquel Silveira Gomes, Victoria Zeghbi Cochenski Borba buscaram conhecer os principais métodos de diagnóstico da Osteoporose, diretrizes de tratamento da Osteoporose, recomendações de suplementação de Vitamina D e Cálcio e treinamento físico para idosos com Osteoporose se torna muito importante no manejo da doença. No artigo **PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA**, autora Andressa Blanco Ramos Bispo a autora busca apresentar um estudo direcionado à melhoria do processo de alfabetização e letramento do público da educação de jovens e adultos, utilizando a música como instrumento mediador do processo de ensino-aprendizagem. No artigo **PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR** as autoras Ana Paula Fernandes Ferreira e Letícia Carolina

Teixeira Pádua buscam pensar, refletir sobre o fenômeno que se revela buscando questionamentos, enquanto que a Geografia Humanista de base fenomenológica permite uma maior aproximação das experiências pessoais.

No artigo **PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI**, os autores Marianna Nogueira Cecyn, Alex Mourão Terzi ,

Marcelo Demarzo, Daniela Rodrigues de Oliveira neste capítulo será discutida uma nova proposta para a educação baseada no cuidado ao professor. Programas Baseados em Mindfulness já são aplicados em escolas da Europa e Estados Unidos para a promoção da saúde da comunidade e para a melhora do ambiente escolar. No Brasil, em projeto de pesquisa inédito e inovador, foi construído um Programa de Promoção da Saúde Baseado em Mindfulness para o Educador (MBHP-Educa – Mindfulness-Based Health Promotion for Educators). Será apresentada brevemente a proposta e a estrutura do programa e os depoimentos de duas experiências: no município de São Paulo – SP e no município de São João del-Rei – MG .

No artigo **UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA** a autora Rosemary Trabold Nicácio neste artigo discute o percurso metodológico que apoiou minha tese de doutorado dentro da pesquisa qualitativa. Tenho como objetivo socializar as dificuldades iniciais que esse tipo de investigação pode trazer aos novos pesquisadores e algumas reflexões.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ESPAÇOS DE VIDA RECONSTRUÍDOS PELA MIGRAÇÃO: NOVAS PRÁTICAS SOCIAIS EM COMUNIDADES RURAIS PIAUIENSES	
Lidiane Maria Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.7841924041	
CAPÍTULO 2	16
FAXINAIS E RESISTÊNCIA: A ATUAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NO FAXINAL DO SALTO. REBOUÇAS/PR, 2000-2015	
Sonia Vanessa Langaro	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.7841924042	
CAPÍTULO 3	28
GESTÃO ESCOLAR: PLANOS DE METAS OU PLANO ESCOLAR	
Andréia Oliveira Ferreira dos Santos	
Rosiley Aparecida Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.7841924043	
CAPÍTULO 4	47
GRUPO SEGURA FIRME: UMA EXPERIÊNCIA DE PREVENÇÃO E TRATAMENTO DA INCONTINÊNCIA URINÁRIA NO CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia	
Sabrina Speckart Ribeiro	
Camila Amanda Schmoegel Elias	
DOI 10.22533/at.ed.7841924044	
CAPÍTULO 5	56
IMAGENS DOS DESTERRADOS E DO ACRE EM CHARGES: REPRESENTAÇÕES, NARRATIVAS E IMAGINÁRIOS	
Higor Vieira de Araújo	
Francisco Bento da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7841924045	
CAPÍTULO 6	69
INDISCIPLINA NA ESCOLA: INVESTIGANDO AS AULAS DE MATEMÁTICA	
Jonny Lucas de Oliveira	
Joyce Jaquelinne Caetano	
Izabel Passos Bonete	
DOI 10.22533/at.ed.7841924046	

CAPÍTULO 7 78

LIGA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA (LiGGe) DA UFCSPA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PROPOSTA MULTIPROFISSIONAL PARA SUPLEMENTO CURRICULAR E PROMOÇÃO DE AÇÕES E EDUCAÇÃO EM SAÚDE EM ENVELHECIMENTO HUMANO

Jeovana Ceresa
Nathália Fritsch Camargo
Guilherme Costa da Silva
Tamara Lansini Tolotti
Thayze Maria Marques Torbes
Guilherme Briczinski de Souza
Christofer da Silva Christofoli
Juliane Pinto Lucero
David de Souza Mendes
Mariana Edinger Wieczorek
Eduardo Garcia

DOI 10.22533/at.ed.7841924047

CAPÍTULO 8 85

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso
Márcia Alves da Silva

DOI 10.22533/at.ed.7841924048

CAPÍTULO 9 91

O ASILO, A ESCOLA E A UNIVERSIDADE: A COEDUCAÇÃO E O PROCESSO DE INTERGERACIONALIDADE

Flavio Ribeiro De Oliveira
Mariele Rodrigues Correa

DOI 10.22533/at.ed.7841924049

CAPÍTULO 10 107

O ENSINO DA DISCIPLINA ESTUDOS AMAZÔNICOS NAS ESCOLAS DE SANTARÉM-PARÁ: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A TEMÁTICA DA GUERRA DA CABANAGEM

Wilverson Rodrigo Silva de Melo

DOI 10.22533/at.ed.78419240410

CAPÍTULO 11 117

O ENVELHECER NAS RUAS: AGRAVOS NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL E REPERCUSSÕES NO TRABALHO

Carine Magalhães Zanchi de Mattos
Tamara Rosa Lansini Pereira Tolotti
Bruna Camargo
Guilherme Silva Costa
Patrícia Krieger Grossi

DOI 10.22533/at.ed.78419240411

CAPÍTULO 12 129

O NARCOTRÁFICO COMO FORÇA MOTRIZ DOS HOMICÍDIOS NAS REGIÕES PERIFÉRICAS DA CAPITAL MATOGROSSENSE

Ariadne Mazieri de Moraes
Francisco Xavier Freire Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.78419240412

CAPÍTULO 13	142
O PAPEL PEDAGÓGICO NA ATER E SUSTENTABILIDADE: IMPLEMENTAÇÃO DO PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DAS ÁREAS CULTIVADAS COM O TABACO NO TERRITÓRIO CENTRO- SUL DO PARANÁ	
Cristiane Tabarro Alvori Ahlert	
DOI 10.22533/at.ed.78419240413	
CAPÍTULO 14	148
O PROCESSO DE ESTIGMATIZAÇÃO DA LOUCURA E A DISCUSSÃO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS DE PESSOAS EM SOFRIMENTO MENTAL	
Alessandra Aniceto Ferreira de Figueirêdo Rosineide de Lourdes Meira Cordeiro	
DOI 10.22533/at.ed.78419240414	
CAPÍTULO 15	165
OFICINA DO CUIDAR - UMA PROPOSTA DE FORMAÇÃO DE CUIDADOR INFORMAL DE IDOSOS	
Fernanda Maria Francischetto da Rocha Amaral Marcelo Amaro Manoel da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.78419240415	
CAPÍTULO 16	176
OSTEOPOROSE E ENVELHECIMENTO: DESAFIOS E TRATAMENTOS	
Renata Gonçalves Pinheiro Correa Anna Raquel Silveira Gomes Victoria Zeghbi Cochenski Borba	
DOI 10.22533/at.ed.78419240416	
CAPÍTULO 17	190
PEDAGOGIA CRÍTICA: MÚSICA E ALFABETIZAÇÃO EM PAUTA	
Andressa Blanco Ramos Bispo	
DOI 10.22533/at.ed.78419240417	
CAPÍTULO 18	204
PERCEBENDO O MUNDO COM UM NOVO OLHAR	
Ana Paula Fernandes Ferreira Letícia Carolina Teixeira Pádua	
DOI 10.22533/at.ed.78419240418	
CAPÍTULO 19	207
PERCEPÇÃO DE SAÚDE E COMORBIDADES DO IDOSO: PERSPECTIVAS PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM	
Cláudia Fabiane Gomes Gonçalves Samara Maria de Jesus Veras Maria Aparecida de Souza Silva Rebeca Cavalcanti Leal Cynthia Roberta Dias Torres Silva Ana Karine Laranjeira de Sá Valdirene Pereira da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.78419240419	

CAPÍTULO 20 217

PROGRAMA DE PROMOÇÃO DA SAÚDE BASEADO EM MINDFULNESS PARA O EDUCADOR (MBHP-EDUCA): EXPERIÊNCIAS NOS MUNICÍPIOS DE SÃO PAULO E DE SÃO JOÃO DEL-REI

[Marianna Nogueira Cecyn](#)

[Alex Mourão Terzi](#)

[Marcelo Demarzo](#)

[Daniela Rodrigues de Oliveira](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240420

CAPÍTULO 21 233

UMA EXPERIÊNCIA COM A PESQUISA QUALITATIVA

[Rosemary Trabold Nicácio](#)

DOI 10.22533/at.ed.78419240421

SOBRE A ORGANIZADORA..... 243

MEMÓRIAS: REFLEXÕES EM TORNO DA MILITÂNCIA FEMINISTA

Adriana Lessa Cardoso

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas / UFPel
Pelotas – Rio Grande do Sul

Márcia Alves da Silva

Pós-Doutora em Educação, Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas / UFPEL
Pelotas – Rio Grande do Sul

RESUMO: Este estudo faz uma reflexão sobre a inserção no movimento feminista, para tanto analisamos uma narrativa de uma militante, dando visibilidade a sua trajetória de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma abriu espaço para tantas outras feministas. O embasamento da pesquisa se dá na perspectiva feminista, utilizamos história de vida como método para compreender as relações humanas e as marcas dos processos que permite nos constituir como pessoas numa articulação de sentidos entre o individual e o coletivo. Concluímos que o feminismo agrega outras pautas importantes para uma sociedade equânime, como por exemplo, classe social, raça, idade entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Militância. Narrativas.

ABSTRACT: This study makes a reflection on

the insertion in the feminist movement, for we analyze a narrative of a militant, giving visibility to its trajectory of life and militancy, that began around the years of 1970, and that somehow opened space for so many other feminists. The basis of the research is the feminist perspective, we use life history as a method to understand the human relations and the marks of the processes that allows us to constitute ourselves as people in an articulation of meanings between the individual and the collective. We conclude that feminism adds other important guidelines for an equitable society, such as social class, race, age, among others.

KEYWORDS: Feminism. Militancy. Narratives.

1 | CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este texto foi inicialmente apresentado no *VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade*, realizado em setembro de 2018 na Universidade Federal do Rio Grande/FURG. Apresenta uma reflexão sobre a narrativa de uma militante de esquerda dando ênfase principalmente nas experiências e acontecimentos da militância política voltada aos direitos das mulheres. As perguntas são muitas, mas tentaremos pensar neste espaço tempo sobre como Maria se constituiu militante feminista, e como subverteu a cultura patriarcal presente nas instituições,

familiares, escolares, universitária, nos partidos políticos entre outros espaços, para lutar por uma transformação social.

A narrativa analisada faz parte de um recorte de uma pesquisa intitulada “Representações de gênero de mulheres idosas: memórias de formação, aprendizagens e (auto) biografias”, que tem como intenção resgatar as memórias de mulheres que construíram o movimento feminista na cidade de Pelotas/RS, dando visibilidade as suas trajetórias de vida e militância, que se iniciou por volta dos anos de 1970, e que de alguma forma, marcaram sua época e fizeram e fazem história do movimento feminista.

O embasamento da pesquisa se dá na perspectiva feminista, utilizamos história de vida como método para compreender as relações humanas e as marcas dos processos que permite nos constituir como pessoas numa articulação de sentidos entre o individual e o coletivo. A percepção de si no mundo pode produzir novas formas de compreensão e transformação das práticas cotidianas. Ao estudar as trajetórias de mulheres feministas, a partir da narrativa de suas memórias, podemos produzir conexões a fim de compreender o cotidiano no espaço-tempo de suas ações.

Para este artigo selecionamos a narrativa de Maria, nome fictício para preservar a identidade e dar mais liberdade de expressão, visto que é uma história de vida, e, portanto, se expressa um cruzamento entre privado e público, ou seja, a vida pessoal e o que a pessoa entende como possível de expor publicamente. Maria faz parte deste projeto, por ser uma mulher com visível atuação militante, tanto nos espaços universitários, como pela sua participação no Conselho Municipal da Mulher – no município de Pelotas/RS. Ainda sobre os procedimentos metodológicos, é importante destacar que a seleção desta narrativa tem uma intencionalidade política, visto que Maria trouxe um relato com bastante ênfase das mudanças de comportamento de uma época, onde se tinha um fortalecimento do movimento feminista na Europa e Estados Unidos, já no Brasil tínhamos em evidência o conservadorismo da ditadura militar, e foi neste contexto que Maria começou sua militância no movimento estudantil.

2 | CONCEPÇÃO TEÓRICA E CONCEITUAL

Escrever sobre feminismo é assumir um desafio, visto que sua história é vasta e complexa. Podemos afirmar que desde a chamada primeira ondas feministas não pararam de lutar, pois já são muitas gerações reivindicando seus direitos e criando teorias para explicar o mundo pela perspectiva das mulheres. Além disso, o feminismo tanto como movimento social auto-organizado ou mesmo como teoria científica não possui definições, interpretações fechadas ou verdades absolutas, pois contribui na construção de um movimento plural.

Para Saffioti (2004), o feminismo faz um enfrentamento político para a transformação social ao questionar o *status quo* com temáticas consideradas tabus,

como casamento, trabalho, corpo, maternidade e aborto, violência, sexualidade e desejo erótico, entre outros. Beauvoir considera que “é muito difícil a uma mulher agir como igual ao homem quando essa igualdade não está universalmente reconhecida e concretamente realizada” (BEAUVOIR, 1980, p. 322).

As mulheres passaram a ocupar o espaço público através de muita luta, contudo ainda convivemos com o binarismo público e privado, é visível que ainda não obtivemos qualidade no uso desses espaços, visto que os campos laborais aonde predominam mulheres são os mais precarizados. De acordo com Harvey (2005 e 2011); Hirata (2002) e Rago (2015) a precarização atingem principalmente as mulheres devido aos estereótipos de gênero, com isso passamos a ter baixa remuneração, somos minorias em cargos de tomada de decisão, há excesso de supervisão sobre o nosso trabalho e muitas vezes sofremos preconceitos durante a qualificação profissional por parte de professores que protegem os campos de atuação masculina. Esses aspectos do trabalho agravam-se mais para as mulheres negras, indígenas, idosas, deficientes, lésbica, ou que não se identificam com os binarismos de gênero.

De acordo com Saffioti (2004), a estrutura de dominação patriarcal se apresenta nas instituições sociais, e às vezes nem percebemos o quanto reproduzimos em nossos discursos e atitudes essas estruturas. A autora exemplifica a dominação considerando o patriarcado como uma máquina bem azeitada que trabalha cotidianamente e nem precisa do patriarca para ser acionada. Deste modo, os comportamentos machistas, sexistas, racistas e femistas que antes não eram questionados, por possibilitarem a ordem patriarcal e heteronormativa, eram percebidos como normais; contudo, estamos cada vez mais lutando para que essas posições e comportamentos sejam revistos e abandonados.

3 | MARIA MULHER DE LUTA

Acreditamos que Maria gostaria de ser descrita em primeiro lugar como mulher militante de esquerda, feminista, professora universitária, não menos importante, mãe e esposa e, atualmente, passando pelo processo de envelhecimento. Mulher na/da luta, a militância política de esquerda acompanha sua trajetória de vida, ao pensar sobre as desigualdades e as injustiças sociais no mundo, se perguntou, “Como posso mudar essa situação?” Essa pergunta parece num primeiro momento sem importância, muitas/os se questionam, mas esse questionamento trouxe um movimento subjetivo avassalador para a vida da Maria. Ela ingressou no movimento estudantil e até hoje professora universitária busca essa resposta, entendemos que é uma pergunta com potencial, aquela que move a luta cotidiana de uma militante, pois entende que enquanto houver injustiça, fome, discriminação, preconceitos, guerras precisamos mudar, precisamos transformar o mundo.

Maria nasceu na cidade de Porto Alegre/RS, e foi educada por uma família segundo suas palavras “bem tradicional”, sua mãe e avó cursaram magistério e

atuaram como professora até o casamento, logo após o casamento se dedicaram aos cuidados da família, situação comum para muitas mulheres, daquela época de acordo com Louro,

O trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso o trabalho deveria ser exercido de modo a não afastar da vida familiar e dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar. As jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas de restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade. (LOURO, 2015, p. 483)

Maria trilhou um caminho diferente das mulheres de sua família e geração, ao menos quanto à profissionalização, Maria, conta que seu pai e irmãos deram força para ela cursar o científico e não o magistério como era o mais comum tanto na sua cultura familiar como também em toda a sociedade da época. Ao negar o caminho da mãe e avó, ela abre espaço de percepção que a maioria das mulheres não tinha, segundo Maria, a maior parte das suas colegas do Ensino Fundamental foram fazer magistério. Podemos considerar que nesta escolha se encontra a sensibilidade para a transformação, pois rompe com *status quo* familiar, também reafirma esse rompimento de padrão familiar o momento que Maria conta sobre o avô, dizendo que ele era contra os comunistas, ela riu e afirma que para ela a transformação só será possível através do comunismo.

Em 1973 foi o ano que ela entrou para a Faculdade de Arquitetura, mais uma vez rompe com os padrões sociais da época, pois decide morar com amigos/as da universidade, de acordo com Maria, hoje é comum, mas naquele tempo não era muito comum, pois a maioria das mulheres saía da casa dos pais para casar e não em busca de independência econômica e social.

É, eu me lembro de que eu sai de casa, eu sai de casa exatamente porque eu não pensava em casar né, então eu não queria ter aquela coisa de só sair de casa para casar, quando eu fui para arquitetura a gente tinha os grupos da arquitetura e tal a gente começava a trabalhar junto no escritório os colegas e aquela vida assim de escritório todo mundo trabalhando junto começou da gente pensar, então vamos morar junto e tal, então a gente fez um grupo né e alugou uma casa, um apartamento e aí [...](MARIA, 2018).

Neste mesmo período que foi morar sozinha e cursava arquitetura, conheceu o professor progressista, que impulsionou seu desejo de conhecer mais sobre os movimentos estudantis na época, é importante destacar o contexto histórico brasileiro, por volta dos anos de 1970, vivíamos em plena ditadura militar, partidos políticos, movimentos sociais e estudantis eram considerados subversivos.

“Setenta e quatro ainda estava tendo muito assassinato político e tudo, até setenta e seis setenta e sete a gente tem os crimes políticos e, então eu comecei assim a ter simpatia pelo movimento de esquerda[...] e no fim eu optei pelo caminho da esquerda, que aí comecei a ir nas manifestações e tal (MARIA, 2018).

Desse modo, levantou a bandeira vermelha comunista, anticapitalista e pelos direitos dos trabalhadores, segundo Maria, demorou a perceber que existia

desigualdade de gênero, a voz da maioria das mulheres não era ouvida, e não tinha uma luta específica feminista, neste período muitos/as brasileiros/as lutavam pela redemocratização do país, a liberdade intelectual, de expressão e a luta de classe era a pauta mais importante daquele momento. “O país viveu nesses anos uma experiência muito próxima ao totalitarismo. O espaço da política ficou reduzido a uma farsa, a censura extrapolou a questão política e chegaram com muita força às questões morais, e de costumes” (PINTO, 2003, p. 43).

Ao mesmo tempo em que se vivia uma grande repressão, também tínhamos a resistência, o movimento feminista começou a ganhar força, não só no Brasil, mas mundialmente. Para Maria o feminismo aconteceu vinculado à luta geral estudantil e sindical, primeiramente como movimento de mulheres, que lutava contra a carestia da época.

[...] o movimento de mulheres na época ele era um movimento vinculado à luta geral, por exemplo, dentro do MDB jovem que era mais progressista “juntar as mulheres da vila” para “lutar junto contra a carestia”, “chamar mais mulheres para lutar contra a ditadura” então, não era o movimento feminista. O movimento ele não tinha pauta feminista, aí começou a aparecer grupos como os que têm hoje, vamos supor assim, que levantava a questão específica que era de gênero, mas não se falava em gênero na época, porque aí discutia tudo isso que eu não discutia organicamente, tu podia discutir com a amiga, vou casar, mas isso não aparecia na universidade porque na universidade tinha uma ilusão que hoje as meninas não têm, de que nós não tínhamos, que não havia preconceito contra a mulher, não vou casar, vou ter filho não vou ter filho, nós tinha uma ilusão que nós estávamos em de igualdade aos homens, porque nós entrávamos na universidade. Muitas estávamos no curso de engenharia, medicina e tal arquitetura num curso meio a meio e tal, então a gente achava que estava tudo igual, hoje nós somos capaz, os namorados tudo machista, mas a gente não achava que aquilo ali fosse machismo, então começou a surgir os grupos feministas que só lutavam pelos direitos feministas (MARIA, 2018).

Essa narrativa de Maria corrobora a ideia de Pinto (2003, p.43), sobre o movimento feminista no Brasil, de se iniciar como movimento de mulheres com pautas pontuais, diferentemente do feminismo que busca extinguir a opressão da mulher. Também podemos pensar sobre as diferenças entre as mulheres, já que Maria tinha uma condição privilegiada de estar na universidade, pouco pensava que outras mulheres não tinham esse direito garantido, ainda que se ocupasse de outras formas de inclusão.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de entrevista narrativa nos levou a uma pessoa concreta, e não uma entidade chamada feminismo, as narrativas mostraram não só um discurso, mas uma trajetória de vida que vai além de uma visão linear do mundo. Maria iniciou sua militância no movimento estudantil universitário, subverte a lógica patriarcal e capitalista forjando uma identidade pessoal e profissional, por isso, ela se apresenta primeiramente como militante de esquerda, pois é sua visão de mundo, enquanto houver desigualdade haverá luta.

Ao analisar as narrativas podemos inferir que Maria não traz um discurso explicitamente feminista num primeiro momento e faz isso conscientemente, pois entende que naquele período histórico em que começou a militar as pautas eram outras. Contudo, sua vida estava reagindo às pautas feministas, como uma mulher jovem de classe média, teve acesso a muitos saberes e, portanto, subverteu no seu cotidiano e quebrou vários tabus, por exemplo, escolheu seguir sua formação em um curso que não tem as ditas características de mulher; também saiu da casa dos pais não para casar como ocorria predominantemente com as mulheres daquela época, mas ao contrário saiu da casa dos pais em busca de autonomia econômica e social, entre outras decisões que influenciaram uma nova percepção de mundo. Portanto, o modo de luta e resistência feminista ainda era no âmbito pessoal, de modo que abriu muitas portas, pois hoje as decisões de Maria estão naturalizadas nas nossas vidas.

Por fim, o que aprendemos com a narrativa da Maria é que os feminismos precisam estar coadunados com outras tantas lutas, mesmo que isso pareça mais um ônus, mas as desigualdades raciais, de classe e idade, são alguns exemplos que perpassa a condição de ser mulher. E que o feminismo é uma realidade visível e que são muitas as mulheres que lutam diariamente.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

HARVEY, David. **A condição Pós-Moderna**. Uma pesquisa sobre as origens e mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. São Paulo, SP: Boitempo, 2011.

HIRATA, Helena. **Nova Divisão Sexual do Trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

LOURO, Guacira. Mulheres na Sala de aula. In: Del Priori, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

PINTO, Céli Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo. 2003.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: Del Priori, Mary (org). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed., São Paulo: Contexto, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 2004.

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-278-4

